

**POR UM LÉXICO COGNITIVISTA:
ANÁLISE DE CASOS DA MORFOLOGIA PORTUGUESA**

Vítor de Moura Vivas (IFRJ/UFRJ)
vitorvivas@yahoo.com.br

RESUMO

Neste trabalho, demonstramos a noção de léxico segundo a linguística cognitiva e evidenciamos como ela é eficiente para a análise de processos de formação de palavras e de neologismos.

Palavras-chave: Léxico. Análise de casos. Morfologia portuguesa.

1. Introdução

Neste trabalho, explicitamos, de forma sintética, a noção de léxico para as correntes formalistas. Posteriormente, definimos a noção de léxico para o aporte teórico cognitivista (BASÍLIO, 2011; LANGACKER, 1987, 2008; ALMEIDA et al., 2010), evidenciando que, para compreender como o léxico se organiza, é fundamental focalizar o conhecimento enciclopédico e o uso. A partir da seção 3, analisamos alguns exemplos de análise morfológica, partindo da noção cognitivista de léxico.

2. O léxico para o formalismo

Desde as origens da gramática, na Antiguidade Clássica, a semântica era considerada como o local da irregularidade, da assistematicidade. Essa tendência se manteve no estruturalismo. Dessa forma, os estudos estruturalistas evidenciam a necessidade de se abstrair o aspecto semântico para se estudar a “*langue*” (a estrutura, a forma) de modo científico. Então, além de um estudo sincrônico, seria necessário abstrair-se o uso, a realização concreta da língua (“*parole*”) e a semântica, para, assim, focalizar um objeto linguístico cientificamente.

Nas origens do gerativismo, a abstração do uso e da semântica continuaram ocorrendo, o foco do estudioso era na competência e não no desempenho e o nível linguístico a ser focalizado era o sintático. Assim, os gerativistas seriam capazes de entender o funcionamento da gramática mental humana. Por essa rejeição à semântica e ao uso, autores, como Chomsky (1965) e Di Sciullo & Williams (1987), consideravam o léxico

como o lugar do imprevisível, das idiossincrasias. Isso faz Aronoff afirmar que palavras formadas por RFP (Regras de Formação de Palavras) completamente regulares não fazem parte do léxico. Para que determinados vocábulos entrem no léxico, é necessário que haja alguma irregularidade fonológica, categorial ou semântica. Haveria, então, na formação de palavras, o sistemático e regular, que seriam explicados pelas regras de formação de palavras e todas as formas que tivessem alguma irregularidade, assistematicidade seriam listadas no léxico.

Basílio (1980) demonstra que o léxico é bem estruturado e que todos os vocábulos derivados, com irregularidades linguísticas – fonológicas, categoriais ou semânticas – ou com produtos transparentes provenientes de RFP, devem ser listados no léxico. Com isso, a autora evidencia que o léxico é bem estruturado, organizado e não o lugar das irregularidades, das idiossincrasias, dos vocábulos “fora da lei”, como afirmavam Di Sciullo & Williams (1987).

Através da utilização de RFP e RAE (Regras de Análise Estrutural), em detrimento de equacionar as duas em uma única regra como fazem Jackendoff e Williams, Basílio (1980) contribui significativamente aos estudos gerativistas de formação de palavras, visto que desconstrói a questão de o léxico só conter formas irregulares, idiossincráticas. Segundo a autora, o falante é capaz de interpretar vocábulos desconhecidos, novos para ele e reconhecer bases presas nos vocábulos através de RAE. As RAE têm, então, relação com a análise e o reconhecimento de estruturas. Uma RAE pode passar a uma RFP, isso ocorre quando o falante passa a produzir novas palavras através de uma determinada regra; a RFP é, então, sempre produtiva.

Apesar de dar inegáveis e, certamente, incomparáveis contribuições para os estudos lexicais do português, Basílio (1980, 1987), coerentemente com o aporte teórico gerativista em que se embasava, não atentava para o uso e nem para o conhecimento de mundo dos falantes. Como a própria autora assume, o seu foco não é no desempenho, mas na competência (BASÍLIO, 1980).

3. A noção de léxico para a linguística cognitiva (Basílio, 2011)

Para a linguística cognitiva, ao contrário das correntes formalistas, as estruturas linguísticas só existem devido à influência do conhecimento de mundo dos falantes. O léxico é estruturado e organizado e possui for-

mas que ativam determinados frames, possibilitando, assim, a ocorrência de conceitos relacionados a esses frames.

Basílio (2011), fundamentando-se no aporte teórico cognitivista, afirma que o léxico é um espaço de formas simbólicas que se associam a conceitos, essas formas podem evocar inúmeras significações a depender de diversos fatores como momento histórico da língua, características dos falantes envolvidos na interação linguística e a relação das formas com os significados potenciais que elas podem evocar.

A autora ainda demonstra que o conhecimento do léxico abrange “não apenas o conhecimento das unidades lexicais, mas também o potencial de construção ou reconstrução de enunciados, enquanto relacionado ao domínio lexical” (BASÍLIO, 2011, p. 1). O espaço lexical e as unidades lexicais fundamentam-se no uso da língua. Entendemos textos por recorrermos ao nosso conhecimento lexical, que se constrói a partir das experiências, vivências. Determinadas formas simbólicas evocam certos conceitos, que são provenientes da língua em uso. Às vezes, o falante elabora, na mente, novas percepções, a determinada forma. Quando faz isso, fundamenta-se na sua experiência de mundo.

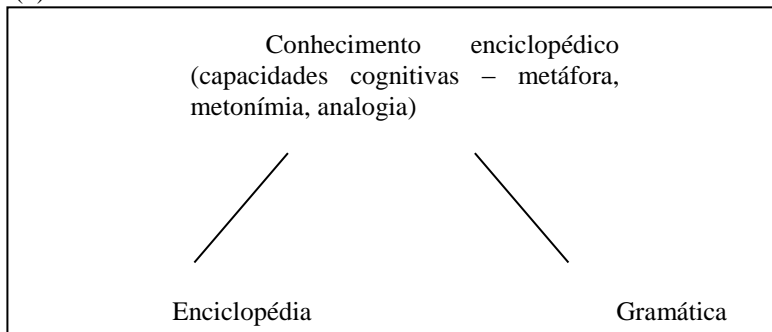
Basílio (2011) demonstra que léxico e cognição não podem ser separados; em outras palavras, no significado lexical, há uma relação entre léxico e enciclopédia. Por isso, “ferramentas” cognitivas como a metáfora e a metonímia exercem um papel tão importante na constituição do léxico. Há dois argumentos, utilizados pelos cognitivistas, para evidenciar a inseparabilidade entre língua e enciclopédia: 1) o significado envolve conhecimento de mundo e se integra a outras capacidades cognitivas, 2) o significado fundamenta-se no uso e na experiência (GEERAERTS, 2006, p. 5).

Esses argumentos evidenciam que o significado não é dado, não é externo ao sujeito, como pressupõem as correntes formalistas, mas sim construído por interlocutores em situações concretas de uso da língua. Essa construção de significados dá-se na interação entre interlocutores através da ativação de capacidades cognitivas como a analogia, a metáfora e a metonímia.

Basílio afirma defender a visão da linguística cognitiva da não separação entre significado e conhecimento de mundo de uma maneira menos radical. Para a autora, mesmo sendo indiscutível o fato de o significado se embasar no conhecimento de mundo integrado a capacidades cognitivas e de esse significado se construir no uso, é necessário manter a

separação entre língua e enciclopédia nas estruturas morfológicas. Abaixo, tentamos formalizar o que defende Basílio (2011) em seu artigo:

(1)



Basílio (2011) demonstra que conceitos são linguísticos, já que se associam a unidades lexicais que se consolidam no uso, e enciclopédicos, pois só existem devido à experiência e ao conhecimento de mundo. Em outras palavras, apesar de evidenciar que na produção e interpretação de conceitos, há uma forte base enciclopédica, a autora explica que esses conceitos se associam a padrões lexicais (conhecimento gramatical). Há, na língua, padrões lexicais que existem para a formação de unidades que existem na cognição e no uso. Em geral, quando um conceito é relevante, frequente, ele associa-se a uma forma (um padrão gramatical).

A autora demonstra que, nas estruturas morfológicas, há influência de um conhecimento linguístico, gramatical. Em outras palavras, na língua, além de uma relação entre léxico e cognição, há também uma relação entre léxico e gramática. A autora afirma haver, em processos de formação de palavras, padrões morfológicos que evocam determinados significados.

Há, desse modo, padrões que se conectam a significados de reversão, agente, instrumento, negação. O padrão morfológico “des- + X” evoca a significação de reversão. Já padrões morfológicos como “X + -eiro”, “X + -ista”, “X+ -or” conectam-se ao significado de agente profissional. Usuários da língua, quando ouvem vocábulos com o padrão “X + -or”, reconhecem a noção semântica de agente profissional, assim como reconhecem a noção de reversão no padrão “des- + X”.

Esses padrões ajudam, inclusive, o falante a reconhecer neologismos. Se um diz: “Esse professor me ajudou a desentender tudo que eu

aprendi de português no ensino fundamental”, o interlocutor dessa frase reconhecerá o significado de reversão em “desentender”. Isso facilitará no entendimento do sentido do neologismo. Dessa forma, Basílio demonstra que o conhecimento gramatical, linguístico é fundamental na aquisição e também na expansão do léxico.

Certamente, o conhecimento de gramática não é o suficiente nas línguas; mesmo reconhecendo padrões de morfológicos de reversão e de agente profissional, o usuário da língua precisa utilizar o seu conhecimento de mundo ligado a capacidades cognitivas para interpretar formas linguísticas como “desanimar”, “destempero”, “pedreiro”, “marceneiro”. Além disso, só o uso da língua e o conhecimento de mundo e as experiências do falante que fazem com que ele saiba que formas em “-eiro” indicam profissões de menor status social.

Por isso, Basílio evidencia que os padrões morfológicos de formação de palavras não podem ser descritos apenas pelo significado linguístico: pela alteração semântica causada pela combinação de afixos e radicais. Muitas vezes, a forma resultante apresenta um alto nível de incorporação semântica e compactação. Deve-se sempre focalizar o significado que a unidade lexical evoca; em muitos casos, só o uso, o conhecimento de mundo leva ao entendimento do significado evocado pelos itens lexicais.

Basílio, fundamentando-se em Langacker, explicita que a mudança de classe nada mais é que uma mudança na conceptualização. Uma cena pode ser construída de modo estático ou sequencial, o primeiro tipo de conceptualização leva à categorização de “estudar” como substantivo em “Estudar é bom” e como verbo em “Estudei muito esta semana”. Quando em processos de formação de palavras, há mudança de classe de verbo para nome, pode-se dizer que a noção verbal se concretiza numa perspectiva sequencial (categorização como verbo) ou compacta (categorização como substantivo). Cada uma dessas perspectivas, segundo Basílio (2011), liga-se a uma série de características semânticas e gramaticais.

Vivas (2010) explicita que a categorização do particípio passado como substantivo, adjetivo ou verbo de se deve a diferentes maneiras de se conceptualizar uma cena. Na classificação do particípio como verbo, a perspectiva é sequencial (“O ladrão tinha *roubado* várias pessoas”); na classificação como adjetivo, a perspectiva é estática, há uma conceptualização como relação estativa simples (“A pessoa *roubada* vai à delegacia”); já na classificação como substantivo, a perspectiva é estática, con-

ceptualiza-se a noção de roubar como coisa (“Ele está numa *roubada*”).

Vivas (2010) comprova que as diferentes perspectivas se ligam a características gramaticais e semânticas também divergentes, como postula Basílio (2011). Sendo assim, o particípio, quando conceptualizado como relação estativa, faz referência a ser, variando em gênero e número (“*peessoa roubada*”, “*homem roubado*”). Já na conceptualização como coisa, não há referência a ser. Então, não há variação de gênero, mas só de número (“Ele se coloca em várias *roubadas*”). Além disso, os particípios passados conceptualizados como coisa passam, geralmente, por especialização semântica, que se dá por metonímia ou metáfora. Em “*roubada*”, entende-se “estar numa má situação” através da noção de “roubo”, ocorre, então, um mapeamento metafórico.

4. Análise de fatos morfológicos fundamentando-se no aporte teórico cognitivista

4.1. O truncamento vocabular

Podemos verificar, em padrões morfológicos de truncamento do português, a existência de conhecimento linguístico e enciclopédico, como propõe Basílio (2011). Observem-se abaixo exemplos de truncamento no português:

(2)

1) *vagabunda* > *vagaba*

2) *delegado* > *delega*

3) *salafração* > *salafra*

4) *s[u]ssegado* > *s[u]ssega* > *s[u]ssa*

O falante utiliza conhecimento linguístico na produção/interpretação desses vocábulos. Em outras palavras, há um padrão gramatical apreendido pelo usuário da língua. Como aponta Gonçalves, em seus estudos de morfologia não linear, em formas truncadas, há um apagamento da última sílaba e dos segmentos da penúltima sílaba com exceção do *onset* (*delegado* > *deleg*). Posteriormente, há acréscimo de uma vogal de truncamento “-a”. Esse padrão só é reconhecido pelo falante, porque ele está exposto ao uso linguístico numa comunidade; como exposto pelo esquema em (1), o conhecimento gramatical é proveniente do conhecimento enciclopédico. Todavia, há um padrão lexical (linguístico) reco-

nhecido e realizado pelo falante.

Além do conhecimento linguístico, há também um conhecimento enciclopédico evidente nas formas truncadas. Esse conhecimento não só possibilita, origina o conhecimento linguístico, como também dá conta do significado das formas truncadas. É só o conhecimento de mundo e o uso/experiência dos usuários da língua que lhes permite reconhecer nas formas truncadas a expressividade do falante. Em “vagaba”, “delega”, “s[u]ssa”, o locutor, além de 1) fazer referência as noções semânticas de vagabunda, delegado e sossegado, 2) expressam também um ponto de vista pejorativo. Essas duas associações são feitas pelo usuário da língua devido ao conhecimento de mundo, adquirido por suas experiências no uso da língua, que fazem com que esses itens lexicais evoquem determinados conceitos.

“S[u]ssa” é uma forma truncada, geralmente, em Minas Gerais e evoca o seguinte conceito: uma mulher vai a uma noitada, sai e é abordada por um homem que deseja ficar com ela. Quando ela não está a fim, porque não saiu para ficar com ninguém, ela costuma dizer: “Eu tô s[u]ssa” ou “Tô de s[u]ssa”. No Rio de Janeiro, esse item vocabular geralmente não é utilizado, as pessoas costumam se referir a um conceito semelhante pela seguinte estrutura: “Tô de boa”. Dessa forma, caso se pergunte a pessoas do RJ, sobre o conceito de “s[u]ssa”, elas não saberão. Apesar de ter o conhecimento linguístico, essa forma não ativa o frame que possibilita a associação ao conceito de *sair só para ouvir música, mas não ficar com ninguém*.

A forma truncada “sussa” não expressa pejoratividade, mas funciona como uma maneira de atenuar o fato de não querer ficar, relacionar-se com a outra pessoa; através dessa forma truncada, a locutora demonstra que não quer ficar com o interlocutor não porque não gostou dele, mas porque não saiu com o intuito de iniciar um relacionamento, ficar com ninguém.

Em “s[u]ssa”, há uma curiosidade quanto o conhecimento linguístico. Não se apagam a última sílaba e os segmentos da penúltima sílaba com exceção do onset: “s[u]ssegado” > “s[u]ssega”. O apagamento, da direita para a esquerda não segue até a segunda sílaba, mas até a terceira. Apaga-se, então, a última sílaba, a penúltima e os segmentos da antepenúltima com exceção do onset: s[u]ssegado > s[u]ss, acrescentando-se, assim, a vogal de truncamento “-a”. O apagamento segue até a terceira sílaba, da direita para a esquerda, porque, se fosse até o onset da segunda,

resultaria na forma “s[u]ssegã”, essa forma vocabular ativa um outro frame na língua: descansar, dormir. Então, para evitar que uma forma possa ativar dois frames, evocando, assim, dois conceitos, o apagamento continua até o *onset* da terceira sílaba.

Isso evidencia que é o conhecimento de mundo que leva aos usuários da língua evitar determinados itens vocabulares e demonstra, mais uma vez, que o conhecimento gramatical se subordina, é possibilitado pelo conhecimento enciclopédico. Em outras palavras, é o conhecimento de mundo, o uso que leva o falante a aprender e executar padrões linguísticos.

4.2. Neologismos

Os neologismos são vocábulos que têm uma regularidade e fundamentam-se no uso. Falantes só criam e reconhecem neologismos pelo conhecimento de mundo que possuem. Observem-se abaixo alguns neologismos:

(3)

1) mariar

2) botafogar

3) b[u]tecar

4) renatear

Nos cinco vocábulos apontados, há noções nominais tomadas por uma perspectiva verbal. Há mudança de processamento estático para processamento sequencial, nas palavras de Langacker (1987, 2008). Em “Maria”, “Botafogo”, “boteco”, “Renato”, “Godines”, ocorre processamento estático. Consequentemente, os vocábulos são categorizados como substantivo. Já em “mariar”, “botafogar”, “b[u]tecar”, “renatear”, “godinar”, há a perspectiva de um processo que ocorre em relação a determinado tempo, esse processo envolve uma série de estados componentes que se dão numa determinada sucessão temporal. Em outras palavras, ocorre processamento seqüencial e os vocábulos são, consequentemente, categorizados como verbos.

Com relação ao significado dos verbos, eles só são entendidos pelo falante devido ao conhecimento de mundo. “B[u]tecar” evoca o conceito de *sair para beber em um boteco*, falantes de português do Brasil

entendem, em geral, a seguinte expressão: “Vamos b[u]tecar hoje”. Esse conceito é, normalmente, entendido, porque “sair para beber” é algo frequente em nossa sociedade; como afirma Basílio (2011), conceitos associam-se a formas quando são relevantes, frequentes. Pessoas que moram em Botafogo costumam beber lá, há vários lugares para os quais as pessoas vão com o intuito de socializar, tomar um chope. Como esse conceito é relevante/frequente na comunidade de Botafogo, as pessoas de lá associam esse conceito a forma “botafogar”. O conceito percebido não é o de “torcer para o time do Botafogo”, mas o de “sair para beber em Botafogo”.

Maria foi participante e vencedora de uma edição do Big Brother Brasil. Ela costumava sempre não entender piadas, confundir-se, ser desligada, não ter conhecimento sobre aspectos culturais. Por isso, os outros participantes do BBB zombavam dela constantemente, diziam que não era possível ela não entender determinadas coisas. Esse conceito, então, tornou-se frequente e relevante. Assim, as pessoas passaram a associá-lo na casa ao item vocabular “mariar”. Sempre que alguém não entendia uma piada, ficava confuso ao falar sobre algum tema, os participantes do BBB diziam: “Você está mariando”, “Ele mariou”.

Quando Maria ganhou o BBB e foi recepcionada pelo apresentador do programa, Pedro Bial, ele disse que “mariar” poderia significar “ser espontânea, verdadeira, ter coragem de fazer o que todas as mulheres gostariam, mas não tinham coragem”. Quando Pedro Bial faz isso, verificamos que ele tenta associar a forma “mariar” a outros comportamentos de “Maria”. Isso mostra que o significado se constrói no uso e tem total relação com conhecimento de mundo, sendo, portanto, flexível.

Numa família, há uma pessoa que é demasiadamente econômica, não trata bem a esposa, afirma que as mulheres não gostam de ser bem tratadas, essa pessoa chama-se Renato. Sempre que alguém na família tem uma dessas atitudes, geralmente associadas a Renato, diz-se que a pessoa está renateando. O comportamento de Renato é sempre referido na família, o conceito, então, é frequente e relevante naquele grupo. Sendo assim, associa-se à forma “renatear”.

Todos esses neologismos, expostos em (3) só são entendidos devido ao conhecimento de mundo do falante. Caso se pergunte a alguém de um outro grupo sobre o seu significado, as pessoas não saberão, pois aquelas formas não ativam nenhum frame, impossibilitando, assim, a associação a algum conceito. Esses neologismos verbais são frequentes,

Djavan, na música *Sina*, por exemplo, usa os vocábulos “djavanear” e “caetanear”.

5. Conclusão

Realizamos a análise de dados de Morfologia do Português do Brasil segundo a ótica cognitivista (BASÍLIO, 2011; ALMEIDA, 2010). Esperamos ter evidenciado a relevância da ótica cognitivista para entender padrões tidos como irregulares, “inesperados” pelo Formalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. L. L. et al. (Orgs.). *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Publit, 2010.

ANDERSON, Stephen. Where’s Morphology? *Linguistic Inquiry*, vol. 13, n. 1, p. 571-612, 1982.

AZUAGA, Luísa. Morfologia. In: FARIA, I. H. et al. *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996, capítulo 5.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. Das relações entre texto, gramática e cognição: o foco na cognição. Texto apresentado no Encontro InterGTs da ANPOLL. Campinas: UNICAMP, 2011.

BORBA, Sônia Costa. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1991.

BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*, vol. 9, Amsterdam; Philadelphia, John Publishing Company, 1985.

CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à linguística*. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1982.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 8. ed. São Paulo: Ática,

1999.

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: _____. *Studies on Semantic in Generative Grammar*. Mouton: The Hague, 1970, p. 11-61.

DI SCIULLO, A. M.; WILLIAMS, E. *On the Definition of Word*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1987.

GONÇALVES, Carlos Alexandre V. *Flexão & derivação em português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2005.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

JACKENDOFF, Ray. Morphological and semantic regularities in the Lexicon. *Language*, n. 51, 1975.

KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1990.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez de. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*, vol. I: theoretical prerequisites. Stanford: University Press, 1987.

_____. Sequential e summary scanning: a reply. *Cognitive Linguistics*, vol. 19, p. 571-584, 2008.

LAROCA, Maria de Nazaré Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. *Lições de morfologia de língua portuguesa*. Jacobina: Tipô-Carimbos, 2003.

MIRA MATEUS; M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.

PIZA, Mônica Toledo. *Gênero, número e grau no continuum flexão/ derivação em português*. 2001. – Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

PETTER, Margarida Maria Taddoni Petter. Morfologia. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística: II – Princípios de análise*, capítulo 4, São Paulo: Contexto, 2003.

REIS, Otelo. *Breviário de conjugação verbal*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. 1. ed. Porto: Porto Editora, 1998.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

SANDALO, Maria Filomena Spatti. Morfologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000, vol. 1, capítulo 5.

SCALISE, Sergio. *Generative Morphology*. Dordrecht: Foris, 1988.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

VILLALVA, Ana. Estrutura morfológica básica. In: MIRA MATEUS, M. H; BRITO et al. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003, capítulo 22.